

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-479-5 DOI 10.22533/at.ed.795191107 1. Educação. 2. Sociedade. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “A educação no Brasil e no mundo Avanços, Limites e Contradições” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

De acordo com Feldmann e D’Água (2009, p. 196), “mudar o tempo e o espaço da escola é inserir-se numa perspectiva de mudança das estruturas sociais, tendo como horizonte de possibilidades a transformação de uma sociedade injusta e excludente, em uma sociedade mais igualitária e incluyente”. Mudar nesse sentido, talvez signifique reconhecer que nos espaços escolares é a diferença que faz os seres humanos iguais, ou que pela equidade temos o direito de ser diferentes.

Assim, na atualidade, a escola enquanto instituição social responsável pela aquisição do saber, principalmente, o sistematizado, deve repensar suas práticas, na tentativa de embasar-se numa perspectiva científica para desenvolver uma gama de projetos, mesmo com as dificuldades de materiais e dos profissionais.

As responsabilidades da escola vão além de simples transmissora de conhecimento científico. Sua função é muito mais ampla e profunda. Tem como tarefa árdua, educar a criança para que ela tenha uma vida plena e realizada, além de formar o profissional, contribuindo assim para melhoria da sociedade em questão. Como afirma Torres (2008, p. 29): uma das funções sociais da escola é preparar o cidadão para o exercício da cidadania vivendo como profissional e cidadão. O que quer dizer que, a escola tem como função social democratizar conhecimentos e formar cidadãos participativos e atuantes.

O Estado deve garantir o acesso à educação a todas as pessoas, sem discriminação, respeitar e valorizar a docência, assegurar formação continuada e condições de trabalho satisfatórias. E mais: as liberdades de expressão de ensinar e de aprender, o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas que devem se conjugar com as necessidades específicas dos diferentes públicos da educação, contempladas segundo a perspectiva inclusiva e laica, permitindo que a escola se adeque às necessidades e corresponda às realidades de seus estudantes. A qualidade da educação envolve cada um desses critérios e, implica um empenho à favor da promoção da equidade e da diversidade, bem como, o enfrentamento a toda forma de preconceito e discriminação.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A MATERIALIZAÇÃO DA EaD NO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA (PNAIC)	
Maria Aparecida Rodrigues da Fonseca Tatiane Custódio da Silva Batista	
DOI 10.22533/at.ed.7951911071	
CAPÍTULO 2	12
A INTERMITÊNCIA (E GOLPES) DA (NA) DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR BÁSICA COMO SINTOMA DE PROPOSTA DA NOVA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA	
Alexandre de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.7951911072	
CAPÍTULO 3	23
A PEDAGOGIA SIQUEIRANA E O ENSINO DE QUÍMICA: O USO DA REDE SOCIAL PARA A DIVULGAÇÃO DA QUÍMICA ALÉM DO VESTIBULAR	
Lucas Peres Guimarães Rosane Maria Pinheiro da Silva Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.7951911073	
CAPÍTULO 4	33
A RELAÇÃO ENTRE O PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL(PDI) DO ESTUDANTE E A INCLUSÃO ESCOLAR	
Luhany Ericleide Ponciano Maria Célia Borges	
DOI 10.22533/at.ed.7951911074	
CAPÍTULO 5	42
A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO DE ROBERT GAGNÉ: EXPOSIÇÃO E CRÍTICA	
Djalma Gonçalves Pereira Sandra Maria do Nascimento Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.7951911075	
CAPÍTULO 6	53
ANÍSIO TEIXEIRA COMO PENSADOR SOCIAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A TEMÁTICA FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES	
Rachel Aguiar Estevam do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.7951911076	
CAPÍTULO 7	61
AS NARRATIVAS DOS <i>SABERESFAZERES</i> DE PROFESSORAS DE ESCOLAS DO CAMPO COMO ESTRATÉGIAS NA/PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA	
Elizete Oliveira de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.7951911077	
CAPÍTULO 8	75
AS VOZES DOS INTELLECTUAIS NA FORMAÇÃO DO DISCURSO DA MODERNIDADE EDUCACIONAL EM SANTOS (1890-1920)	
Luiz Henrique Portela Faria	
DOI 10.22533/at.ed.7951911078	

CAPÍTULO 9 85

CEMEFEJA PAULO FREIRE: UMA PROPOSTA SINGULAR DE ATENDIMENTO DE JOVENS E ADULTOS EM PERÍODO INTEGRAL

Luciana Squarizi Andrade de Lima
Mariana de Paula Motta
Ruth Gouveia Dias
Elaine Juliano Pereira
Georgina Vicente
Francisco Jaime Souza
Emídio Claro Neto
Isabel Aparecida Silva
Viviane Gomes Magdal
Maria Olmos Distler
Rosana Alves Santana

DOI 10.22533/at.ed.7951911079

CAPÍTULO 10 95

COLABORAÇÃO E CRIATIVIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

Adriana Clementino Mosca
Cláudia Cristina Moreira de Souza
Silvia Cristina Hito

DOI 10.22533/at.ed.79519110710

CAPÍTULO 11 104

COLEÇÃO NOVO GIRASSOL SABERES E FAZERES DO CAMPO: COMO UM ENSINO MARCADO PELO RESPEITO À DIVERSIDADE?

José Bruno Alves da Cruz
Camila Mota de Fontes
Erinalva Barbosa Franco
Nilvania dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.79519110711

CAPÍTULO 12 116

COMO MELHORAR O DESEMPENHO ESCOLAR COM DIFERENTES ESTRATÉGIAS: PIBID E CHARTER SCHOOLS?

Fernanda Scaciota Simões da Silva

DOI 10.22533/at.ed.79519110712

CAPÍTULO 13 127

DIVERSIDADE CULTURAL E CURRÍCULO: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS CULTURAIS NA ESCOLA

Miriã Santana Veiga
Ezenice Costa de Freitas Bezerra
Jussara Santos Pimenta

DOI 10.22533/at.ed.79519110713

CAPÍTULO 14 136

DOCÊNCIA VIRTUAL: EMANCIPAR PARA TRANSFORMAR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Magalis Bésse Dorneles Schneider

DOI 10.22533/at.ed.79519110714

CAPÍTULO 15	147
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA COM A INSERÇÃO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE RECONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	
Simone de Paula Rodrigues Moura Maria Aparecida Fonseca	
DOI 10.22533/at.ed.79519110715	
CAPÍTULO 16	158
ESCOLA FORA DA CAIXA: UMA OUTRA ORGANIZAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO COTIDIANO E PRÁTICAS EDUCATIVAS	
Mariana de Paula Motta Emídio Claro Neto Elaine Juliano Pereira Eliana Camargo Horto Francisco Jaime Alves de Souza Georgina Florêncio Vicente Isabel Aparecida da Silva Luciana Squarizi Andrade de Lima Maria Aparecida Olmos Distler Rosana Alves Santana Ruth Gouveia Dias Viviane Gomes Magdal	
DOI 10.22533/at.ed.79519110716	
CAPÍTULO 17	169
FORMAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE NA DIMENSÃO FREIREANA: PERSPECTIVAS PARA REINVENTAR A VIDA	
Evely Najjar Capdeville Adriana de Castro Amédée Péret	
DOI 10.22533/at.ed.79519110717	
CAPÍTULO 18	176
GESTÃO DEMOCRÁTICA E TECNOLOGIAS - EXPERIÊNCIA DE UM PERCURSO FORMATIVO	
Carmenisia Jacobina Aires	
DOI 10.22533/at.ed.79519110718	
CAPÍTULO 19	192
HISTÓRICO DOS DIREITOS EDUCACIONAIS NAS CONSTITUIÇÕES FEDERAIS BRASILEIRAS	
Evania Martins Guerra Daniel Santos Braga	
DOI 10.22533/at.ed.79519110719	
CAPÍTULO 20	203
ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA E FÉ CATÓLICA: IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL DO BRASIL NO SÉCULO XIX	
Francilda Alcantara Mendes Almir Leal Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.79519110720	
SOBRE A ORGANIZADORA	210

AS VOZES DOS INTELECTUAIS NA FORMAÇÃO DO DISCURSO DA MODERNIDADE EDUCACIONAL EM SANTOS (1890-1920)

Luiz Henrique Portela Faria

Universidade Católica de Santos

Santos – São Paulo.

luizhpfaria@gmail.com

Agência de Fomento: CAPES

Uma versão um pouco diferente deste texto foi publicada com o título “O discurso do Progresso Educacional em Santos: as vozes dos intelectuais santistas (1890-1920)”, nos anais da XIII Mostra de Pesquisado Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGE) da Universidade Católica de Santos, com apoio e investimento financeiro da CAPES.

RESUMO: A expansão cafeeira, da ferrovia e do porto, bem como a movimentação das ideias liberais, abolicionistas e republicanas são alguns aspectos que propiciaram a cidade de Santos a deixar suas vestes provincianas, no final do século XIX, e a se tornar uma cidade moderna – conforme os padrões da *Belle Epoque* brasileira. A educação, neste processo, é vista como um instrumento para consolidação da modernidade capitalista e estava estreitamente vinculada à política e a atuação de sujeitos – intelectuais. Estes indivíduos reforçaram ideologicamente, tanto na sociedade civil quanto na sociedade política, o discurso da modernidade educacional. Os intelectuais santistas – não porque nasceram na cidade, mas porque a tornaram palco da sua atuação – agiram, de fato, através dos meios de comunicação da época, sobretudo, pelos

jornais, os quais se tornaram a voz de muitos dos membros deste grupo. Esta investigação procura compreender as práticas sociais destes sujeitos, observando suas particularidades: o percurso de formação, a atuação política destes intelectuais e as contradições presentes nos embates desta geração de ilustrados que disputaram a hegemonia do campo educacional da cidade. Para isto, pretende-se analisar tanto os discursos existentes nos periódicos da época, sobretudo, jornais, quanto as atas de instituições do período, articulando um diálogo com as evidências. Buscar-se-á fundamentação teórica em Gramsci, Sartre e Sirinelli, os quais nos oferecem a possibilidade de pensar acerca da “identidade”, “função” e “estruturas de sociabilidade”, respectivamente. Dentre os resultados obtidos, foram identificados duas estruturas de sociabilidade: a Loja Maçônica Fraternidade e a Santa Casa de Misericórdia de Santos.

PALAVRAS-CHAVE: Intelectuais. Educação. Modernidade Capitalista. Santos.

THE INTELLECTUAL VOICES IN THE
FORMATION OF EDUCATIONAL OF
MODERNITY SPEECH IN SANTOS (1890-
1920)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Parte significativa da historiografia contemporânea sobre Santos (PEREIRA, 2016, 1995, 1990; FARIA, 2013; TAVARES, 2007; ROSEMBERG, 2006; LANNA, 1996; HONORATO, 1996; ANDRADE, 1989) afirma que a cidade, no processo de transição do Império para a República, foi arena de lutas ideológicas que se concretizaram por intermédio dos periódicos da época. Dentre os diversos assuntos que aparecem relativos ao discurso da modernidade, pode-se elencar a educação (PEREIRA, 2016; CARMO, VIEIRA, 2014; CALEFFI, 2014; CARREIRA, 2012; VIEIRA, 2012), que estava estreitamente ligada a desempenho dos intelectuais, sendo considerada como um instrumento para alavancar o avanço civilizatório capitalista.

Os republicanos enxergavam no novo regime político recém-inaugurado a representação de progresso e da modernidade e, procuravam apagar quaisquer resquícios ou memórias oriundas do antigo regime. Neste sentido, a educação seria a construtora dos caminhos necessários que levariam a nação rumo ao progresso, em semelhança dos países europeus. Acreditava-se numa escala evolutiva rumo à modernidade, que as nações percorreriam na medida em que instrísse sua população nas ciências exatas e da natureza.

[...] a instrução, o ensino e a escolarização eram pensados como instrumentos para generalizar as práticas higienistas, reformar hábitos e reduzir as consequências sociais da pobreza. O caráter regenerador da educação foi observado por muitos. Difundir a educação a toda população era mudar suas práticas e mentalidade, construir valores civis e republicanos e assegurar a sobrevivência em um mundo cada vez mais letrado. Tratava-se, acima de tudo, de homogeneizar as referências sociais do país (ROSSI; RODRIGUES; NEVES, 2009, p. 12).

Compreende-se por modernidade o que Alves (2011) conceitua como a segunda modernidade do capital, isto é, período entre a Primeira e a Segunda Revolução Industrial, quando ocorreu a instauração e a difusão do modo de produção capitalista no ocidente.

A segunda modernidade do capital é a modernidade-máquina, temporalidade histórica em que se constituiu um estilo de pensamento, de política e de sensibilidade estética que poderíamos caracterizar como modernista. Foi nessa etapa de desenvolvimento do capitalismo ocidental, no bojo do qual se desenvolveu o processo de modernização que constituiu-se (sic) a *classe social* (burguesia e proletariado) e o *Estado nacional* em torno da qual se consolida o *território* propriamente dito da Nação e da Cidade. São tais determinações essenciais que irão compor a *identidade social* de homens e mulheres da segunda modernidade. Enfim, a segunda modernidade é a modernidade propriamente dita.

Este período de grandes mudanças – momento histórico coincide com o período em que o historiador Eric Hobsbawm (2012) designa como a “Era dos Impérios” – se expressou, sobretudo nas cidades, que se tornavam cada vez mais populosas, em função das novas atividades que abrigavam, com destaque para a indústria e serviços.

A expansão cafeeira veio impulsionar mudanças urbanas para melhor atender ao desenvolvimento na exportação. Criou-se uma malha ferroviária que favorecia as

ligações do interior com cidades portuárias, polos de escoamento da produção para o exterior. Este processo resultaria em grande impacto para os centros urbanos em função das transformações de relação de produção e exportação de café.

Deu-se, no caso do Brasil, a paulatina substituição da mão de obra escrava pela livre, com a entrada, especialmente em São Paulo, de imigrantes europeus.

As estruturas de transporte se modernizavam com a progressiva afirmação das ferrovias que asseguravam rapidez e segurança no deslocamento das cargas do Interior – área de produção – até os portos.

Estas mudanças se justificaram devido à necessidade de articulação entre o envio de matérias-primas para o mercado internacional, fruto do desenvolvimento da segunda etapa da Revolução Industrial.

Assim, o desenvolvimento econômico sugerido pela expansão capitalista, atrelada às inovações tecnológicas do final do XIX, associa-se a transformações sociais, com a abolição da escravidão (1888), e mudanças políticas, com a Proclamação da República (1889).

Este ensaio traz resultados iniciais de uma pesquisa de doutoramento. Esta visa compreender a atuação de um círculo de intelectuais santistas que atuaram na cidade durante a Primeira República e que, para implementação de seus ideais, sobretudo no campo da educação, formaram círculos de sociabilidade – conceito presente nos escritos de Sirinelli (2003). Buscam-se também em Gramsci (1982) e Sartre (1994) os referenciais teóricos para esta pesquisa.

Antônio Gramsci (1982), em seu livro ‘Os intelectuais e a organização da cultura’, problematizando acerca do conceito de intelectual, defende que estes não se fazem a partir da atividade que desempenham, antes são as relações sociais em que estão inseridos que os tornam intelectuais, afinal, *“todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”* (p.7). Surgem progressivamente a partir de suas práticas e são, por isso, formados historicamente em conexão com os demais grupos sociais, especialmente do grupo dominante, para legitimar suas ações. Os intelectuais lutam, sobretudo, no campo da cultura (GRAMSCI, 1982) e, utilizando a escola como seu principal instrumento propagador para elaborar novos intelectuais de diversos níveis e a educação, enquanto campo para a consolidação de seus ideais.

Jean-Paul Sartre (1994), concordando com Gramsci, defende da mesma forma que os intelectuais são formados pela função socialmente reconhecida. Esta função, entretanto, emerge no momento em que os *técnicos do saber prático* utilizam de seus métodos para outra finalidade, não apenas para a prática de suas tarefas específicas, mas sim para a construção de uma ideologia contrária à dominante. São aqueles que tomaram consciência do processo contraditório em que estão inseridos e, utilizando-se de símbolos, sinais e signos, lutam para dissolver o sistema de ideias de outras classes. Assim, segundo Sartre:

(...) o intelectual é o homem que toma consciência da oposição, nele e na sociedade, entre a pesquisa da verdade prática (com todas as normas que ela implica) e a ideologia dominante (com seu sistema de valores tradicionais). Essa tomada de consciência – ainda que, *para ser real*, deva se fazer, no intelectual, *desde o início*, no próprio nível de suas atividades profissionais e de sua função – nada mais é que o desvelamento das contradições fundamentais da sociedade, quer dizer, dos conflitos de classe e, no seio da própria classe dominante, de um conflito orgânico entre a verdade que ela reivindica para seu empreendimento e os mitos, valores e tradições que ela mantém e quer transmitir às outras classes para garantir sua hegemonia (1994, p.30-31)

Objetiva-se neste ensaio, portanto, oferecer uma análise preliminar das vozes dos intelectuais santistas – santistas não porque nasceram na cidade, mas porque a tornaram palco de suas atuações – materializadas em discursos nos jornais do período, a fim de compreender como estes sujeitos concebiam a modernização da educação.

De acordo com a historiografia consultada (SILVA SOBRINHO, 1953; RODRIGUES, 1975, 1976, 1981; VIERA, 2012; PEREIRA, 2016), muitos sujeitos estiveram envolvidos neste processo histórico: Vicente de Carvalho, os irmãos Arthur e Adolpho Porchat de Assis, Bernardino de Campos, Delfino Stocler de Araújo, Julio Conceição, Manoel Maria Tourinho, Raymundo Sóter de Araújo, Victor de Lamare, bem como as mulheres Anália Franco, Diva de Lamare Porchat de Assis, Eunice Caldas, dentre muitos outros.

Considera-se, por fim, que a historiografia é um lugar de memória (BURKE, 1992), e, a memória também abarca o esquecimento. Assim, questiona-se: por que *estes* foram os sujeitos lembrados como intelectuais? A que grupos sociais pertenceram? Quais projetos educacionais defendiam? A quem representavam? E o que se preferiu esquecer acerca deles? Tais questões, dentre outras, compõem o estado desta pesquisa no presente momento.

O DISCURSO DO PROGRESSO E AS REDES DE SOCIABILIDADE

O Brasil estava inserido em um movimento mais amplo, em que, desde a segunda metade do século XIX, as nações ocidentais detentoras do grande capital privilegiaram uma “pedagogia do progresso”, oferecendo, nas Exposições Internacionais Pedagógicas, uma perspectiva de progresso possibilitada por meio da educação, a qual traria os valores sociais e culturais da modernidade capitalista. Com a realização de congressos durante as feiras (nacionais ou internacionais) houve a implementação e difusão de padrões, propiciando uma uniformidade ideológica e material nos mais diversos aspectos da sociedade. Assim, pouco a pouco, o Brasil foi incorporando, dentre tantos, os aspectos educacionais presentes num âmbito internacional (KUHLMANN JÚNIOR, 2001).

Em âmbito local, lemos no editorial do Jornal A Tribuna:

A instrução é a base de todo progresso e engrandecimento, faz necessária uma ação energética não só por parte das autoridades municipais, como mesmo de

todos os que ocupam posições de destaque nesta cidade, para que tenham um fim este vergonhoso estado das coisas.

Porque a Câmara Municipal e o alto comércio não reúnem os seus esforços para alcançar o fim colimado! Porque não se organiza, com esses elementos e outros que dela queiram fazer parte, uma grande comissão para se entender diretamente com o governo do Estado e com os congressistas estaduais.

Essa comissão, ao mesmo tempo que se procuraria obter do governo a criação da escola, trataria também de angariar os meios necessários para que fossem oferecidos aos poderes estaduais. Vemos nossa população aumentar de modo assombroso, não pode continuar com o mesmo número de escolas de há 10 ou 15 anos atrás.

É necessário agir e agir com entusiasmo, pois a vontade e a energia são as duas grandes armas que se obtém a vitória.

Por nossa parte, estamos dispostos a combater em prol da instrução pública de Santos e, conquanto modestos, os nossos esforços se unirão aos daqueles que tomarem a si essa nobre campanha de aparelhar a nossa cidade para o futuro brilhante que o destino e a evolução natural dos acontecimentos fatalmente lhe reservam (A TRIBUNA, 10/04/1913).

Este editorial faz referência à proposta de criação de um imposto municipal que seria totalmente destinado à educação. Interessante notar a expressão que se refere a educação como “base de todo progresso e engrandecimento”. Além disso, exige-se do poder público e do alto comércio santista o “agir com entusiasmo”.

Reis Filho (1981), Nagle (2001) e Carvalho (2003) apontaram em suas pesquisas que, para os intelectuais atuantes na Primeira República brasileira, a educação constituiria no campo fundamental para a construção de uma sociedade democrática, a consolidação do Estado Republicano.

Em âmbito regional, Vicente de Carvalho escreveu no Jornal Diário de Santos, defendendo que a educação seria um instrumento para regeneração econômica do país. Para ele, fazia-se emergente o investimento público na criação de escolas, onde seriam oferecidos os conhecimentos científicos – nas disciplinas de física e química, por exemplo – necessários para o desenvolvimento industrial e, por consequência, para o progresso econômico.

Só os povos instruídos vivem na aceção honrosa da moderna vida civilizada. Cresça embora a produção da nossa lavoura, desenvolva-se a riqueza material do nosso commercio — não deixaremos de ser o que hoje somos, povo obscuro mendigando as migalhas da civilização, sem prestígio e sem glória, enquanto não pronunciarmos uma palavra nova na Sciencia, na Industria ou na Arte! (DIÁRIO DE SANTOS, 25/01/1889, Editorial Cousas Municipais).

Vicente de Carvalho, que era descendente de Amador Bueno da Ribeira (proprietário de terras durante o período colonial brasileiro, recebendo o título de Capitão-Mor e ouvidor da Capitania de São Vicente), foi secretário do interior no governo do Estado de São Paulo, durante o mandato interino de José Alves de Cerqueira César (1891-1892). Também foi maçom, membro da Loja Maçônica Fraternidade

de Santos. Vicente defendia uma educação pública para a cidade de Santos que instrumentalizasse os discentes nos mais diversos serviços industriais e comerciais, preparando-os para o mercado de trabalho no porto ou em outras áreas de negócios da cidade. Para isto, propunha a criação de uma escola comercial, onde se ofereceria as disciplinas de aritmética, álgebra, escrituração mercantil, geografia comercial, direito comercial, economia política e ainda o ensino de três ou quatro línguas (DIÁRIO DE SANTOS, Editorial, 05/02/1889). Nota-se, portanto, que era um ensino fortemente marcado para o serviço portuário, isto é, uma formação para o abastecimento de mão de obra nas áreas de serviços, comércios e negócios internacionais.

Outro intelectual bastante citado na historiografia sobre Santos é Júlio Conceição. Era filho dos barões de Serra Negra e um rico comerciante de café que atuou na vida pública da cidade, tornando-se benemérito da Santa Casa de Misericórdia, provedor desta mesma instituição e vereador por muitos anos na mesma cidade. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico de Santos, Clube XV e outras instituições tanto sociais quanto culturais da cidade (PEREIRA, 1990). Foi amigo de João Otávio dos Santos, que deixou toda sua fortuna à Santa Casa e nomeou Conceição seu testamentário.

Júlio Conceição que já era conhecido no Estado de São Paulo, tornou-se popular também em diversos estados brasileiros por executar o desejo de João Otávio dos Santos, de construir uma escola para crianças órfãs da cidade e oferecer a elas ensino profissional. Após o falecimento de João Otávio, começou-se a construção do Instituto Dona Escholástica Rosa, estabelecimento que foi inaugurado em 1908.

A Revista Ilustrada Brasil Magazine, cujo diretor era Martinho Coelho, sediada no Rio de Janeiro, noticiou em março de 1910:

Legado de um grande filantropo: um estabelecimento modelo de educação profissional na cidade de Santos em São Paulo

Na importante cidade de Santos, um dos mais ricos emporios marítimos do commercio brasileiro, existe uma das mais bellas e grandiosas organizações do ensino profissional, consagrada inteiramente á educação dos menores desamparados e desavalidos.

(...)

O Snr. Julio Conceição que antes de ser um commerciante é um homem de cultas lettras e um escriptor feito em constantes tirocinios da imprensa, comprehendeu por um alcance elevado e intelligentemente moderno, a execução do honroso encargo que lhe fora de suas similares estrangeiras.

Os principios mais absolutos da hygiene escolar e do desenvolvimento physico foram tomados á Inglaterra que é o paiz possuidor da ultima palavra na installação a mais completa e perfeita de Institutos de ensino pratico. Coube á Allemanha fornecer as linhas geraes da educação regulamentada junta á disciplina e methodo que a caracterisam; fornecendo os Estados Unidos os elementos technicos por excellencia nos utensilios diversos que constituem a base no ensino nos diferentes officios nos quaes se preparam os jovens aprendizes (p. 42-48).

Interessante perceber que, comparando a relação de funcionários contratados

pelo Instituto com a relação de membros da Loja Maçônica Fraternidade, verifica-se que Julio Conceição e outros três funcionários do Escolástica Rosa – a relação de professores e funcionários contratados estão descritos na Monografia acerca do Instituto Escolástica Rosa, conforme CONCEIÇÃO (1908) – pertenciam à maçonaria: Manoel Maria Tourinho, contratado como médico do Instituto e que também atuou na vida pública da cidade de Santos, como vereador (1884), presidente da Câmara (1894), prefeito (1895) e inspetor literário da cidade (1914); Manoel Homem de Bittencourt, cirurgião dentista; e o diretor do estabelecimento, Arthur Porchat de Assis (nomeado a partir de 09 de março de 1908, conforme Relatório da Provedoria da Santa Casa de Santos, 1908), advogado que exerceu a função de professor em diversas instituições da cidade, dentre eles, o Liceu Feminino Santista e o Escolástica Rosa (VIEIRA, 2012). Além disso, estes sujeitos também eram irmãos da Santa Casa de Misericórdia de Santos.

Com isso, nota-se que havia um círculo de sociabilidade, que conforme aponta Sirinelli (1996), são estruturas que organizam os intelectuais em torno de uma “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 254-255). Neste sentido, a Santa Casa de Misericórdia e a Loja Maçônica Fraternidade de Santos compuseram este círculo, bem como outras instituições de ensino, conforme aponta o quadro de Vieira (2012, p. 93):

	Adolfo Porchat de Assis	Raymundo Sôter de Araújo	Arthur Porchat de Assis	Victor de Lamare	Diva de Lamare Porchat de Assis
Liceu Feminino Santista	Professor	Professor	Professor	Professor	Conselheira (Diretoria)
Academia de Comércio	Diretor e Professor	Professor		Professor	
Instituto D. Escolástica Rosa	Médico e Professor	Médico	Diretor	-	
Asilo de Órfãos	Médico	Médico		Presidente	
Escola Docas	Médico	-		Fundador da Escola	

Quadro 1: Presença do grupo de intelectuais nas escolas de Santos

Não apenas as instituições podem constituir as redes de sociabilidade, mas também os jornais e as revistas, pois são campos de lutas ideológicas, onde também estão registrados os discursos, os quais oferecem os “*movimentos de ideias, no sentido das posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas*” (SIRINELLI, 1996, p. 248-249). Cabe também, a partir desta perspectiva, considerar as atas e outros

documentos oficiais, como relatórios, discursos de posses etc.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Só os povos instruídos vivem na aceção honrosa da moderna vida civilizada. Cresça embora a produção da nossa lavoura, desenvolva-se a riqueza material do nosso commercio — não deixaremos de ser o que hoje somos, povo obscuro mendigando as migalhas da civilização, sem prestígio e sem glória, enquanto não pronunciarmos uma palavra nova na Sciencia, na Industria ou na Arte! (DIÁRIO DE SANTOS, 25/01/1889, Editorial Cousas Municipais).

Procurou-se, neste ensaio, evidenciar os resultados preliminares da pesquisa de doutoramento que analisa a atuação de uma rede de sociabilidade de intelectuais santistas que se envolveu nas mais diversas instituições sociais e culturais da cidade, a fim de representar uma nova perspectiva de modernidade que estava em curso no período.

Considerou-se que o campo da educação foi escolhido por estes intelectuais como aquele que construiria o caminho a ser percorrido rumo ao progresso, sobretudo, econômico.

Verifica-se nos discursos que, embora a educação estivesse na lista de prioridades da classe dominante, contraditoriamente, no que concerne à instrução da população em geral, o ensino se restringiria a uma formação para o trabalho, a fim de capacitar a grande maioria das pessoas para atuar no comércio, serviços e no porto. Não obstante, havia poucas instituições que ofereciam o ensino acadêmico, destinado à educação da elite, com altíssimos requisitos para admissão e longe de atender a demanda populacional existente.

Estas questões sociais, emergentes neste contexto do final do século XIX e início do XX, permitiram que a elite santista oferecesse uma representação da ideia de progresso, propiciando um novo modo de viver e pensar, que foram transmitidas por meio de práticas “civilizadas”, trazendo o modo europeu de viver como modelo do que é “moderno”.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. *Terceira modernidade do capital, crise de civilização e barbárie social*. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2011/09/26/terceira-modernidade-do-capital-crise-de-civilizacao-e-barbarie-social/>>. Acesso em: 24/10/2018.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes. *O discurso do Progresso: A evolução urbana de Santos, 1870-1930*. 1989. 253 f. Tese (doutorado em História Social). Universidade de São Paulo.

A TRIBUNA, Jornal. *Editorial*. Santos, 10/04/1913.

BRASIL MAGAZINE, Revista Ilustrada. *Legado de um grande filantropo: um estabelecimento modelo de educação profissional na cidade de Santos em São Paulo*. Rio de Janeiro, Ano VI, n. 47-48, Fev-Mar 1910.

BURKE, P. A História como Memória Social In: *O mundo como teatro – estudos de antropologia histórica*. Lisboa: Difel, 1992.

CALEFFI, Anderson Manoel. *A educação na Primeira República na cidade de Santos (1898-1908)*. 2014. 111 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em 03/04/2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-09122014-132439/pt-br.php>

CARREIRA, André Luiz Rodrigues. *A marcha do progresso: a construção do cidadão republicano e a educação escolar na cidade de Santos*. 2012. 95 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.unisantos.com.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=341>. Acesso em: 02/04/2018.

CARMO, Bruno Bortoloto do; VIEIRA, Marina T. B. Porto. *Representações sobre ensino de educação física de Arthur Porchat de Assis em seu manual “Eduquemos” (1915)*. VII Simpósio Nacional de História Cultural. USP, 2014, p.1-13.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CONCEIÇÃO, Julio. *Instituto D. Escholastica Rosa*: Monografia. Santos, 1908.

DIÁRIO DE SANTOS, Jornal. *Editorial Cousas Municipais*. Santos, 20/01/1889.

_____. *Editorial Cousas Municipais*. Santos, 25/01/1889.

_____. *Editorial Cousas Municipais*. Santos, 02/02/1889.

FARIA, Luiz Henrique Portela. Vila Mathias: em Santos, um pequeno Portugal. In VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. *Trago o fado nos sentidos: cantares de um imaginário atlântico*. São Paulo: Letra e Voz/FAPESP, 2013.

FRATERNIDADE, Loja Maçônica. Livro de irmãos. Santos, 1854-1923.

GITAHY, Maria Lucia. *Ventos do Mar – trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889 – 1914*. São Paulo: Primas, 1992.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: Europa 1875-1914*. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: 2012, 17ª ed.

HONORATO, Cesar. *O Polvo e o porto: A Cia. Docas de Santos (1888 - 1914)*. São Paulo: Hucitec, 1996.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LANNA, Ana Lucia Duarte. *Uma cidade em transição – Santos: 1870 - 1913*. Santos: Hucitec, 1996.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *O inspetor municipal Delphino Stockler de Lima, discutindo ideias sobre educação em Santos, no início da década de 1920*. XI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Porto, 2016.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco *et all.* *Santos, Café e História*. Santos: Leopoldianum, 1995.

_____. Julio Conceição, um grande homem. In *Leopoldianum*. Santos, 1990, v. XVI, n. 47, p.13-22, abril 1990.

_____. *O inspetor municipal Delphino Stockler de Lima, discutindo ideias sobre educação em Santos, no início da década de 1920*. XI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. Porto, 2016.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

RODRIGUES, Olao; SANTOS (SP). *Veja Santos!* 2. ed. Santos: PMS, 1975. 650 p.

_____. *Nos tempos de nossos avos: (Santos de ontem)*. Santos: A Tribuna de Santos Jornal e Editora Ltda, 1976.

_____. *Cartilha da historia de Santos*. 4. ed. Santos (SP): A Tribuna, 1981.

ROSEMBERG, André. *Ordem e Burla: Processos sociais, escravidão e justiça em Santos*. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

ROSSI, Ednéia Regina; RODRIGUES, Elaine; NEVES, Fátima Maria (org.). *Fundamentos Históricos da Educação no Brasil*. Maringá: EDUEM, 2009.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA SOBRINHO, Jose da Costa e. *Santos noutros tempos*. São Paulo (SP): [s.n.], 1953. 658 p.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

TAVARES, Rodrigo Rodrigues, *A 'Moscouzinha' brasileira – Cenários e personagens do cotidiano operário de Santos (1930 - 1954)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp, 2007.

VIEIRA, Marina Tucunduva Bittencourt Porto. *O Asilo de Órfãos de Santos na engrenagem da cidade (1908-1931)*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-479-5



9 788572 474795